



**CURSO DE PSICOLOGIA**

**LUAN H. ALVES MENDES**

**UMA INVESTIGAÇÃO PSICOLÓGICA SOBRE O  
FENÔMENO DA CULPA RELACIONADO À  
EXPERIÊNCIA RELIGIOSA DE INDIVÍDUOS  
CRISTÃOS.**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**BELO HORIZONTE 2022**

**LUAN H. ALVES MENDES**

**UMA INVESTIGAÇÃO PSICOLÓGICA SOBRE O FENÔMENO DA  
CULPA RELACIONADO À EXPERIÊNCIA RELIGIOSA DE  
INDIVÍDUOS CRISTÃOS.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito parcial à obtenção do título de  
Bacharel em Psicologia no Centro Universitário  
FAMINAS - Faculdade de Minas -BH

Prof. Orientador:

Dr. Éser Técio Pacheco

**BELO HORIZONTE 2022**

M538i Mendes, Luan Henrique Alves  
Uma investigação psicológica sobre o fenômeno da culpa  
relacionado à experiência religiosa de indivíduos cristãos. / Luan  
Henrique Alves Mendes. Belo Horizonte: FAMINAS, 2022.  
23p.

Orientador: Prof. Dr. Éser Técio Pacheco

1. Culpa. 2. Psicologia. 3. Subjetividade 4. Religião.  
5.Cristianismo. I. Mendes, Luan Henrique Alves. II. Título.

CDD:150

Ficha catalográfica elaborada na Biblioteca Central

**TERMO DE APROVAÇÃO****LUAN H. ALVES MENDES****UMA INVESTIGAÇÃO PSICOLÓGICA SOBRE O  
FENÔMENO DA CULPA RELACIONADO À EXPERIÊNCIA  
RELIGIOSA DE INDIVÍDUOS CRISTÃOS.**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial à  
obtenção do título de Bacharel em  
Psicologia no Centro Universitário  
FAMINAS - Faculdade de Minas -BH

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Éser Técio Pacheco – Orientador

---

Prof.: Thais Francielle Alves  
Faminas BH

---

Prof.: Edson Moura da Silva  
Faminas BH

**NOTA: 99**

A folha de Aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso.  
**Belo Horizonte, 16 /12 / 2022**

## Resumo

Este estudo abordou o tema da culpa relacionado à experiência religiosa cristã. A metodologia utilizada foi de caráter qualitativo e exploratório e consistiu em uma pesquisa com 10 indivíduos adultos e adeptos do cristianismo. O objetivo foi identificar manifestações de culpa atreladas à experiência religiosa dessas pessoas, para isso foram realizadas entrevistas investigativas com questionários de roteiro semi-estruturado como ferramenta de coleta de dados. A análise dos dados seguiu um método fenomenológico de investigação em psicologia, estes posteriormente foram discutidos em seu sentido psicológico a partir de alguns referenciais teóricos que tratam sobre o tema. Foi possível concluir que existem manifestações de culpa relacionadas à experiência religiosa do público entrevistado, estas aparecem como noções subjetivas de débitos pessoais em relação às posturas e condutas, tendo como referência determinados ideais oriundos da religião, a qual, de modo geral, parece operar como um elemento presente na cultura que tem a capacidade de impactar na construção das subjetividades e dos discursos subjetivos dos sujeitos. O fenômeno da culpa foi abordado ainda na discussão final ora como um conflito interno que pressiona a existência, ora como um aspecto que impulsiona o sujeito para que ele realize algo ou realize-se através de determinadas formas de ser no mundo.

**Palavras-chave:** Culpa. Psicologia. Subjetividade. Religião. Cristianismo.

## Abstract

This study approached the guilt related to religious Christian experience. The methodology used was qualitative and exploratory feature and consisted on a search with 10 adult individuals that were adapted to Christianity. The objective was to identify guilt manifestations related to the religious experience of this people; thereunto investigative interviews were executed with a semi-structured script as a data collect appliance. The data analysis followed a phenomenological method of investigation in psychology; later those data were discussed in psychological way from some theoretical references that are about the subject. It was possible to conclude that there are guilt manifestations related to religious experience on the ones who were interviewed, these manifest as subjective notions of dues that individuals comprehend to have relation to their posture, having as reference certain ideals from religion that generally seems to act as a element being in culture that have the capacity of impact on the construction of subjectivities and subjective speeches of individuals. The phenomenon of guilt was accosted in the discussion sometimes as an internal conflict that put pressure into existence and sometimes as an aspect that boosts the subject to perform something or to feel performed through some ways of been in the world.

**Keywords:** Guilt. Psychology. Subjectivity. Religion. Christianity.

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução .....</b>	<b>6</b>
<b>2. Metodologia .....</b>	<b>7</b>
<b>3. Análise de Dados .....</b>	<b>9</b>
3.1. Tabela das unidades de sentido encontradas .....	9
3.2. Descrição e exemplificação das unidades de sentido .....	9
<b>4. Discussão .....</b>	<b>15</b>
4.2. Culpa em Freud e Nietzsche.....	15
4.2. Religião e construção da subjetividade.....	17
4.3. Uma visão existencial da culpa .....	19
<b>5. Considerações Finais .....</b>	<b>20</b>
<b>6. Referências .....</b>	<b>21</b>
<b>7. Anexo 1 (Questionário semi-estruturado) .....</b>	<b>23</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O fenômeno da culpa é tema de estudos e discussões há muito tempo entre diferentes áreas do conhecimento, como na filosofia e na psicologia, por exemplo. De modo geral, a culpa pode ser entendida como a responsabilidade atribuída a alguém por um ato ou omissão que o coloca como um sujeito faltoso em relação a algo, este portanto adquire um débito que demanda perdão e ou compensação.

Nietzsche (1987) já apontava a ligação da culpa moral com os conceitos materiais de trocas e negociações, por exemplo. Para ele, é na esfera das obrigações legais de trocas, compras e vendas que se encontra um espelho dos conceitos morais, como “culpa”, “consciência”, “dever”, “sacralidade do dever”, pois é nesse tipo de relação que o ser humano começa a imprimir débito ou crédito a outrem ou a si próprio, e assim, se entende como devedor ou credor em suas relações.

Já Freud (1996 [1923]), através da psicanálise descrevia o sentimento de culpa normal, consciente, basicamente como uma tensão entre o ego (eu) e o ideal do ego. Segundo Freud (1996 [1924]), o ego reage de forma negativa diante da percepção de que não esteve à altura das exigências feitas por seu ideal, um ideal "superegóico". Isto é, o indivíduo não corresponde a uma determinada postura, realização, ou forma de ser ideal, e assim, se vê em débito com esse ideal e acaba experimentando culpa como um conflito interno.

O presente estudo pretende abordar a culpa quando relacionada especificamente a aspectos que envolvem a experiência religiosa cristã. Segundo Teixeira (2001), para melhor enxergar o surgimento da noção de culpa no cristianismo é importante voltar o olhar para o nascimento do monoteísmo.

Oliveira e Castro (2009), nesse sentido, relembram que o nascimento do monoteísmo judaico-cristão traz consigo a ideia de um Deus que pune os humanos em decorrência de suas escolhas e seus atos, o próprio discurso de Moisés no antigo testamento suscitava tensão e temor, concebendo uma autoridade divina que cuidava do povo libertando-o da escravidão do Egito mas que mostrava a sua indignação para com aquele que adorava outros deuses, e essa ideia continuou até a difusão do Cristianismo tendo grande influência no período da Idade Média, por exemplo.

Meneses e Santos (2013) afirmam que o “compêndio” de comportamentos propostos pela doutrina tenta englobar o universo de atuação do indivíduo em sociedade, pois entende que a religiosidade é capaz de oferecer os desdobramentos necessários para a resolução de quaisquer problemas, construindo assim, todo um discurso oficial acerca de como se deve

agir. Com isso, a igreja acaba operando como um agente disciplinador na vida de seus adeptos.

Ao estudar os sintomas da neurose obsessiva e compará-los à esfera da vida religiosa, Freud (1996 [1907]) também já defendia que a culpa que resulta em uma ansiedade ligada ao medo de uma punição divina em decorrência de desvios morais pode ser notada no campo da religião há um certo tempo. Freud (1996 [1923]) assevera que a ideia de um ser superior que distribui castigos severos estaria ligada inclusive à moralidade do superego que pode ser severamente restritiva e proibitiva contra o Ego.

De acordo com Delumeau (2003), a culpabilidade não provoca a supressão das pulsões que estão em desacordo com a relação que deveria existir entre o eu ideal e Deus, mas gera uma transformação e sublimação das mesmas. O autor pontua que a doutrina cristã pode acabar colocando um fardo pesado nos ombros dos seus fiéis imprimindo uma culpabilização repressiva, ainda que traga a tranquilidade de que Deus perdoa os pecados dos homens, por outro lado influencia uma má consciência da qual o homem não pode fugir.

Diante disso, buscou-se saber se existem manifestações de culpa atreladas à experiência religiosa de indivíduos adeptos da doutrina cristã, o objetivo geral foi investigar alguns aspectos da experiência religiosa de alguns cristãos para identificar manifestações subjetivas de culpa relacionadas a essa experiência. Foram feitas entrevistas individuais de roteiro semi-estruturado como ferramenta para coleta de dados. A metodologia utilizada é de caráter qualitativo e exploratório e a análise dos dados coletados seguiu um modelo fenomenológico de investigação em psicologia. As amostras coletadas foram descritas, exemplificadas e posteriormente discutidas em seu sentido psicológico à luz de alguns referenciais teóricos.

## **2. METODOLOGIA**

A metodologia escolhida para esta pesquisa é de caráter qualitativo e exploratório. De acordo com Minayo (1998), a pesquisa qualitativa de modo geral permite o trabalho com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, e estes não podem apenas ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

O estudo pretendeu identificar manifestações do sentido de culpa relacionadas à experiência religiosa subjetiva de indivíduos cristãos. Participaram da pesquisa 10 indivíduos adultos e adeptos da doutrina cristã. Dentre eles cinco católicos, três protestantes / evangélicos, uma protestante da igreja adventista do sétimo dia e um espírita Kardecista com



idade entre 19 e 58 anos.

Foi utilizado como ferramenta de coleta de dados um roteiro de entrevista individual com uma abordagem semi-estruturada voltado para a experiência religiosa subjetiva de cada entrevistado.

Segundo Moreira (2002), na entrevista de abordagem semi-estruturada o entrevistador pergunta algumas questões em uma ordem predeterminada, mas no interrogatório abre-se um grande espaço para o entrevistado. Dependendo das respostas que irão surgir podem ser levantadas outras perguntas que não estavam no roteiro de questões sempre que algo de interessante e não previsto na lista original aparecer, possibilitando a coleta de mais dados importantes para o tema pesquisado.

As entrevistas foram gravadas em formato de áudio e transcritas com objetivo de facilitar o registro do conteúdo coletado, contribuindo assim, para a análise de dados que seguiu o método fenomenológico de investigação em psicologia proposto por Giorgi (1985).

Segundo Andrade e Holanda (2010), o método fenomenológico apresenta-se à psicologia como um recurso apropriado para pesquisar o mundo vivido do sujeito com a finalidade de investigar o significado de uma vivência para alguém em determinada situação. A proposta de Amedeo Giorgi (1985) atua segundo quatro passos para lidar com as descrições das entrevistas sobre experiências vividas em relação a um determinado fenômeno:

**1** - Estabelecimento do sentido geral. “O sentido do todo”. (O objetivo é a leitura integral do conteúdo transcrito a fim de obter um senso geral do conteúdo dos relatos).

**2** - Discriminação das unidades de significado. (O pesquisador faz a releitura do texto com o objetivo de dividi-lo em unidades de significado psicologicamente relevantes. As unidades de significado são constitutivas do texto e não apenas elementos isolados.)

**3** - Transformação das unidades de significado em linguagem de caráter psicológico. (O pesquisador passa pelas unidades significativas anteriormente delineadas e expressa o sentido psicológico contido nelas. É a transformação da linguagem cotidiana do sujeito em linguagem psicológica apropriada, com ênfase no fenômeno estudado.)

**4** - Síntese das unidades significativas. Determinação da estrutura geral de significados psicológicos. (É feito uma síntese das unidades significativas transformadas em uma declaração consistente da significação psicológica dos fenômenos observados em relação à experiência do sujeito.)

Foram consideradas neste estudo as diretrizes e normas das resoluções 196/96 e 422/12 do Conselho Nacional de Saúde que regulamentam pesquisas envolvendo seres humanos.

### 3. ANÁLISE DE DADOS

Após a leitura do conteúdo geral transcrito das entrevistas e da discriminação das unidades de significado encontradas o estudo seguiu na direção de descrever essas unidades em expressões de caráter psicológico. Nota-se nas amostras coletadas alguns sentidos referentes a culpa, assim como outros sentidos subjetivos atrelados à experiência religiosa dos entrevistados, estes foram descritos, exemplificados e discutidos a seguir:

#### 3.1 TABELA DAS UNIDADES DE SENTIDO ENCONTRADAS

**Tabela I: Unidades de Sentido**

Nº	Unidades de Sentido
1	Culpa pela não adequação a comportamentos idealizados pela igreja/comunidade religiosa/figura de Deus.
2	Ajuizamento em relação ao nível pessoal de fidelidade e/ou assiduidade com as práticas e preceitos religiosos.
3	Ajuizamento pessoal em relação à qualidade da relação com Deus.
4	Noção de punição ou salvação compensatória pelos comportamentos morais adotados em vida
5	Noção de troca / “negociação” na relação com Deus através de comportamentos
6	Noção de parceria e amizade com Deus tendo a fé como um elemento presente nessa relação.
7	Doutrina religiosa e escrituras sagradas como norteadoras de comportamentos ideais a serem adotados em vida.
8	Experiência religiosa como algo agregador na vida do sujeito.
9	Experiência religiosa relacionada ao sentido da vida.

#### 3.2 DESCRIÇÃO E EXEMPLIFICAÇÃO DAS UNIDADES DE SENTIDO

**P = Pergunta** (ver questionário no final do artigo - Anexo 1.)

**C = Cristão**

- **Culpa pela não adequação a comportamentos idealizados pela igreja/comunidade religiosa/ figura de Deus**

Nas amostras coletadas uma culpa se manifesta resultante de uma noção de não adequação do sujeito a um determinado ideal previamente proposto. Esse ideal é composto por determinadas posturas e comportamentos pessoais que são idealizados pela doutrina religiosa, reforçados pela comunidade religiosa que também se identifica com esse ideal, ou até mesmo esperado pela figura de Deus na concepção de alguns indivíduos. No caso de alguns entrevistados a culpa se relaciona a questões que envolvem a sexualidade e as formas subjetivas de relação com o corpo e com o gênero, por exemplo.

*P7. C10: (...) Quando eu me relacionei com uma mulher pela primeira vez eu acho que foi o que me fez sentir um pouco de culpa. Um pouco não, Bastante! Muitas outras coisas também tipo tratar alguém mal também já me deixou assim.*

*P: O que você sentiu nesses momentos? Acho que foi um pacote de tudo, sabe? Por exemplo, você fica com medo do que o pessoal do seu meio vai falar, você sente vergonha porque segundo a Bíblia o que você fez é errado, entendeu? você se sente culpado pelo que você fez e não tem muito pra onde correr.*

*P.5 C6: Olha, a minha experiência foi por várias igrejas, né? A primeira foi a Quadrangular, era uma igreja de muitos jovens, porém eu sentia culpa porque eu não me encaixava muito no perfil ali da igreja, por que eu vinha do mundo, né? A expressão que eles utilizam é essa: “Eu vinha do mundo”. Então eu me sentia muito arrependida sobre a minha vida sexual por exemplo, pelos namoros, sabe? e a vida que eu levava, né? Até a forma como eu conduzia o meu corpo em relação a roupas, expondo muito. Então nesse início eu me senti assim, arrependida por ter passado por tudo aquilo, nesse período principalmente eu me sentia culpada por ter vivenciado tudo aquilo.*

*P7. C3: (...) Às vezes eu fico me lembrando de coisas que eu já falei pras pessoas, que não é o que Deus espera de mim, digamos assim, que tenho que realmente compreender mais o outro e tal, às vezes eu sinto esse arrependimento de ter feito e falado coisas com pessoas que são próximas a mim, entendeu?*

- **Ajuizamento em relação ao nível pessoal de fidelidade e/ou assiduidade com as práticas e preceitos religiosos.**

Aparecem também auto-avaliações a respeito da disciplina pessoal e cotidiana com as condutas indicadas pela doutrina religiosa de modo geral. Uma auto-cobrança aparece frente ao nível de envolvimento e assiduidade com as práticas religiosas e com o próprio ato de frequentar a igreja, por exemplo. Algo como um ajuzamento referente à postura pessoal, tendo como referência os valores idealizados pela religião.

*P5. C5: Minha experiência religiosa é uma experiência boa, mas é difícil seguir ali cem por cento. E quando eu falho eu me sinto mal, então por eu me sentir mal, às vezes eu fico até mal em querer voltar sabendo que eu não vou seguir ali cem por cento.*

*P. Quando você diz “falha” é em relação ao quê? Seguir, né? A doutrina aquelas coisas todas. Aí eu me sinto mal por não conseguir. Porque eu estou “falha”, né... Falha na religião.*

*P5. C3: “É eu tenho que me envolver mais, porque às vezes eu sinto que eu conheço muito da teoria, mas a prática mesmo é mais difícil, eu fico às vezes fugindo da prática, então eu quero colocar cada vez mais em prática a teoria que eu já sei, entendeu? Essa é minha experiência, é minha luta diária, entendeu? É o esforço diário.*

- **Ajuizamento pessoal em relação à qualidade da relação com Deus.**

Nota-se auto avaliações e cobranças a respeito também da qualidade da relação do próprio indivíduo com a figura de Deus. A noção de uma dívida a ser compensada na qualidade dessa relação através de determinados comportamentos e atitudes parece surgir diante dessa autoavaliação.

*P6. C2: Eu acho que por muito tempo eu fiquei muito dentro da igreja e afastada de Deus. Porque não é só por estar lá dentro que significa que você está tendo uma intimidade com Deus, (...) você fica tão sobrecarregado com as coisas a serem feitas, organizadas e preparadas que você se desliga um pouco do momento que é só seu e de Deus, o momento da oração. Aí então depois que eu saí disso, que eu fui colocar na balança como estava minha relação com Deus, e não tava boa. Porque eu tava muito na igreja mas muito longe dele. mesmo estando lá dentro é diferente, é pessoal.*

*P6. C10: Olha, eu acho que eu já estive melhor com Deus, ultimamente eu tenho passado por muita coisa, né? Mas eu considero a minha relação com Deus mediana.*

*P: E o que que faltaria para ela se tornar uma boa relação? Eu acho que eu deveria me dedicar um pouquinho mais. Ultimamente eu não tenho tido tempo, mas acho que é isso que tá faltando, dedicar um pouco mais.*

- **Noção de punição ou salvação compensatória pelos comportamentos morais adotados em vida.**

Nas amostras aparece a noção de que as atitudes e condutas adotadas ao longo da vida influenciam consequências positivas ou negativas a depender de um julgamento maior. De um lado a “salvação” aparece como uma das possibilidades a serem conquistadas, e do outro lado, a “cobrança de uma dívida a ser paga com algum sofrimento” surge como resposta à má conduta.

**P10. C1:** (...) então pra pessoa ter a salvação com Deus, na experiência com Deus, ela tem que ter o básico que é a humildade, em primeiro lugar a humildade (...) e a convivência com os outros também, nunca julgar, nunca julgar para que você não seja julgado no caminho, então esse é o caminho.

**P10. C1:** (...) Deus é um caminho sempre mais difícil, por mais certo que você esteja fazendo nunca é o suficiente, então se você quiser pegar a estrada larga e ir você vai, só que as atitudes é você quem está tomando e as consequências é você quem vai sofrer.

**P7. C4:** Olha, eu tive um arrependimento muito grande na questão com as mulheres, porque quando eu era mais novo eu era muito mulherengo, então ao decorrer dos anos eu fui vendo que aquilo ali não era tudo na vida, então aquilo ali me gerou um arrependimento muito grande porque houve muita mágoa da minha parte para com as pessoas. (...) às vezes eu me questiono que isso será cobrado, ou se já não está sendo cobrado na vida. Por um motivo ou por outro, de uma forma ou de outra, isso vem sendo cobrado...

**P:** E você sente que essa sensação de cobrança se dá diante de Deus?

Primeiramente diante do do ser de cada um, da minha ética e moral no caso, e depois vem a questão religiosa mesmo, pelo fato de não ser uma coisa certa, né?

- **Noção de troca / “negociação” na relação com Deus através de comportamentos**

Arelada a uma noção de troca com Deus, aparece nas amostras a concepção de que o sujeito pode adquirir dívidas resultantes de determinados comportamentos e condutas pessoais, comportamentos estes que são considerados errados ou transgressores, algo que evoca arrependimentos e demanda perdão e/ou reparação/compensação. Se faz presente a noção de que Deus oferece o perdão e pode esperar reparação através de atitudes, então há uma relação de troca nesse sentido, onde o indivíduo teria a possibilidade de compensação do débito diante de Deus ou a “lei suprema” ou diante de sua própria consciência.

**P7. C3:** Eu tento sempre de certa forma pedir perdão pra Deus e ao mesmo tempo eu tento compensar na medida do possível fazendo coisas que agradariam a ele na minha visão, entendeu? (...) não sei se vem ao caso, mas tem uma passagem que eu gosto muito que fala assim: “O amor cobre uma multidão de pecados.” Então eu pego muito essa palavra e eu penso assim: “poxa, se eu já fiz tantas coisas que desagradou a Deus, já fui mal com um irmão próximo, uma pessoa próxima, eu tento na medida do possível fazer o contrário com as pessoas que eu encontro no dia a dia, pra meio que compensar. É como se fosse uma relação de compensar isso, entendeu?”

**P7. C7:** Sim. houveram arrependimentos ao longo da minha experiência religiosa

**P:** E como é que foi? Ah, Pedi perdão pra Deus, né? Converso com Deus demais, é bom.

**P8. C3:** Eu sempre tive a ideia que Deus ama a gente independente... é aquela coisa: Deus ama “não se”, mas “apesar de”, né? Ele não coloca uma condição pra nos amar, eu sempre soube disso, mas ao mesmo tempo é aquela coisa: eu sei que meu pai, por exemplo, ele me

*ama muito, mas eu busco fazer coisas que também alegrem ele, entendeu? Eu sei que ele vai me amar se eu fizer besteiras, mas pela minha relação e por eu amá-lo também eu busco fazer coisas para agradá-lo, entendeu? e assim também com Deus.*

- **Noção de parceria e amizade com Deus tendo a fé como um elemento presente nessa relação.**

Alguns entrevistados entendem que têm uma relação de amizade e parceria com a figura de Deus, permanece a noção de trocas e conexões e a fé do indivíduo em Deus é um elemento fundamental. Deus é tomado como alguém com quem contar em momentos difíceis, por exemplo, ou como alguém onipresente que acompanha o sujeito e age influenciando em sua vida cotidiana.

*P6. C5: A minha experiência com Deus tem sido boa porque eu sei que quando eu preciso, quando eu ponho minha fé em ação muitas coisas boas acontecem, e eu tenho muito a agradecer porque eu acredito em Deus sim, eu sei que ele tá comigo, ele me protege, ele está ali comigo...*

*P6. C6: Ah, eu vejo uma relação de amizade, eu vejo em Deus uma pessoa que eu posso contar em todo momento, né? É alguém que vai estar sempre presente comigo em qualquer momento através do Espírito Santo, então é alguém que eu posso contar, é um amigo.*

*P6. C3: Ah, Deus pra mim é como se fosse realmente um amigo muito íntimo. É aquele velho clichê: “dentro do meu quarto, dentro do meu aposento íntimo”, que fala na Bíblia. É o local onde eu me sinto mais em conexão com ele, também na natureza, quando eu tô na natureza eu sinto uma conexão com o divino, né? Então, assim... Deus pra mim, resumindo, é um amigo muito íntimo, entendeu?*

- **Doutrina religiosa e escrituras sagradas como norteadoras de comportamentos ideais a serem adotados em vida.**

A doutrina religiosa de modo geral e as escrituras sagradas de modo mais específico aparecem nas amostras como manuais de conduta confiáveis e seguros que indicam o que deve ser seguido, conjuntos de valores individuais e coletivos que formam por sua vez uma moral ideal. Os sujeitos trazem no discurso a compreensão de determinados modos ideais de *ser no mundo* e nas relações, modos pautados em valores pregados pela doutrina religiosa.

*P9. C6: Minha experiência religiosa influencia diretamente na relação com outras pessoas, por que se eu tenho a bíblia como meu guia, meu manual de vida, eu vou tentar ao máximo seguir o que Jesus está orientando ali, e ele fala que eu devo amar ao meu próximo assim como eu me amo.*

*P9. C5: Minha experiência religiosa me ajuda na relação com as outras pessoas, porque fala*

*na bíblia né, Deus é amor, então ele ensina a gente a amar as pessoas como a si mesmo. Então me ajuda assim.*

**P7. C8:** *Assim, só de pegar a bíblia e ler você vê que no seu dia a dia desde as coisas mínimas até as mais... eu falo em relação à mandamentos. Você fica meio assim: “nossa senhora, eu estou pecando demais!”*

**P9. C8:** *(...) A Bíblia tá lá, a Bíblia tem várias interpretações, cada um segue aquilo que mais se encaixa no seu pensamento.*

**P10. C10:** *Olha, geralmente pessoas cristãs são pessoas bondosas, são pessoas educadas, que tem empatia, né? Que é a base de tudo, são pessoas amorosas, eu vejo que são pessoas assim, mas por exemplo, não é o que eu vejo sempre na igreja né?*

- **Experiência religiosa como algo agregador na vida do sujeito.**

A experiência religiosa é descrita também como algo agregador, algo que abre portas e traz ganhos subjetivos através de experiências positivas que se somam na história de vida de cada um.

**P5. C1:** *Minha experiência religiosa é uma maravilha! Porque eu tive várias experiências pelas minhas participações e pelos trabalhos que eu já fiz dentro de comunidades, uma experiência que não tem estimação do que falar, é muito significativa.*

**P5. C2:** *Minha experiência religiosa foi importante para o meu amadurecimento, porque lá dentro eu vivi experiências que me permitiram até a escolha da minha profissão. Eu acho que ela me permitiu também conhecer o espírito de liderança que eu tinha e eu não sabia, eu já fui coordenadora do grupo de jovens. Então pegar essas coisas da igreja me fez adquirir uma responsabilidade muito nova. Então, acabou que eu adquiri esse senso de responsabilidade muito cedo e é o que reflete também até hoje.*

- **Experiência religiosa relacionada ao sentido da vida**

A experiência religiosa também aparece como algo que tem a capacidade de trazer sentido para a vida. O sistema de crenças e significados ao qual os indivíduos se tornam adeptos através da fé , assim como sua experiência religiosa subjetiva, parecem influenciar diretamente a experiência de sentido individual da vida de cada um.

**P4. C6:** *Acho a experiência religiosa muito importante porque dá um sentido pra vida. Agora no meio de tanta confusão política, de ideologias e tal. A pessoa utiliza a religião como uma meta de vida, um um algo a mais, né? Um sentido e até um incentivo também para acordar todo dia, né?*

**P9. C4:** *O que aprendi ao longo da minha vida em questão de religião, ao longo dessa*

*migração toda foi que o sentido da vida é você fazer o bem, é você transmitir alegria e procurar fazer o bem não importa a quem, né?*

*P4. C3: Sim, a experiência religiosa é algo importante na vida porque a gente tá vivendo num mundo que na minha visão é muito fútil, e às vezes uma conexão com o espiritual é algo que facilita mais a nossa vivência com as coisas que a gente lida no dia a dia, entendeu? (...) Eu realmente acredito no que eu acredito, Não é só uma coisa pra me confortar, depois de tantos estudos que eu fiz, tudo me leva a crer que o funcionamento da vida, na minha na minha visão, é dentro do que eu acredito no kardecismo, entendeu?*

## 4. DISCUSSÃO

Após a descrição e exemplificação das unidades de sentido encontradas abre-se um espaço para a discussão geral do conteúdo, levando em conta seu sentido psicológico e tendo como referência algumas teorias que servirão de apoio para pensar o tema da culpa atrelada à experiência religiosa cristã

### 4.1 CULPA EM FREUD E NIETZSCHE

Freud (1996, [1923]), ao teorizar sobre o funcionamento do aparelho psíquico destaca o sentimento de culpa como uma tensão psicológica que o sujeito vive, Freud trata a culpa como um conflito interno entre ego (eu) e superego (*Über-Ich - em alemão*). O superego pode ser compreendido como uma formação reativa do próprio ego que constantemente reage de forma crítica em relação ao ego, para o autor, o sentimento de culpa normal, consciente, se baseia basicamente numa tensão entre o ego e o seu ideal ‘superegóico’.

De acordo com as considerações de Freud (1996 [1924]), o ego reage diante da percepção de que não esteve à altura das exigências feitas por seu ideal, esse movimento do superego pode então se tornar cruel e inexorável contra o ego. O estudo conseguiu lançar um olhar sobre alguns juízos pessoais dos sujeitos com um recorte específico para a dimensão de sua religiosidade e experiência religiosa individual.

Nota-se que nas amostras coletadas estão presentes manifestações de culpa referentes à não adequação a determinados ideais, por exemplo. A construção dessas idealizações são atravessadas pela religião de modo geral, pois aparecem atreladas às escrituras sagradas, são reforçadas pela comunidade religiosa que se identifica com o ideal, e alguns indivíduos concebem ainda que elas partem da própria figura de Deus em alguns pontos, ou seja, entendem que Deus idealiza que os seres humanos adotem determinadas condutas.



As autoavaliações e autocobranças observadas em relação à adequação de condutas pessoais, nível de envolvimento e assiduidade com a religião e com a doutrina; a noção de trocas, créditos e dívidas na relação com Deus; a ideia de salvação ou punição decorrente de determinados comportamentos e condutas parecem refletir, portanto, um movimento de culpabilização que é atrelado à doutrina e experiência religiosa no cristianismo.

Seguindo numa correlação com a teoria de Freud, pode-se dizer que os ideais religiosos parecem de alguma forma atuar junto a dimensão ‘superegóica’ no ajuizamento em relação à postura do eu. Os sujeitos avaliam-se tendo como referência um determinado ideal de eu, e assim consideram que precisam ajustar-se a determinadas posturas morais, de assiduidade, de envolvimento, de fidelidade, de qualidade na relação com Deus, etc.

Voltando aos escritos de Freud (1996 [1923]) sobre a natureza do ego e do superego, entende-se que ele afirma ser possível demonstrar que o ideal do ego corresponde às coisas da mais alta natureza do ser humano e assevera que enquanto uma criança cresce, o papel do pai (ou melhor dizendo, da lei) é exercido por exemplo pelos professores e outras pessoas colocadas em posição de autoridade; e assim, suas determinações e proibições permanecem ativas e poderosas no ideal do ego, e por isso sob a forma de consciência exercem uma censura moral.

Percebe-se no discurso dos sujeitos entrevistados que a doutrina religiosa aponta para direção de condutas tidas como ideais a serem seguidas, estas estão ligadas por exemplo ao discurso a respeito do que Deus espera do ser humano, das orientações contidas nas escrituras sagradas, das pregações de um pastor, ou ainda dos ensinamentos de um pai que educa seu filho de acordo com a moral religiosa, entre outros. O que se destaca é que estes comumente atuam no campo simbólico e imaginário do sujeito como figuras de autoridade ao longo de seu crescimento e portanto da construção de sua cosmovisão.

Mais tarde em “*O mal estar na Civilização*” Freud (1996, [1930]) retoma o tema da culpa analisando de início que ‘mau é tudo aquilo que faz com que nos sintamos ameaçados com alguma forma de infelicidade’, como por exemplo, a perda de amor ou um castigo por parte de uma autoridade externa, a noção dessa ameaça é transformada em uma infelicidade interna pelo sentimento de culpa, assim, o sentimento de culpa nada mais é do que uma variedade da ansiedade; e coincide muito com ‘medo do superego’.

Além disso, o autor relembra nesse mesmo texto que as religiões ao longo da história não desprezaram o papel exercido pela culpa no processo de civilização, o cristianismo alega inclusive que o sentimento de culpa da humanidade pode ser redimido a através de um perdão supremo, e que essa redenção é trazida pelo sacrifício de uma pessoa isolada - Jesus cristo-,

que assim, toma para si a culpa que era comum a todos. Freud ainda chama atenção para o fato de que a ética baseada na religião introduz promessas de uma vida melhor depois da morte, e comumente considera mais meritório ainda o sujeito que consegue cumprir com preceitos mais difíceis de obedecer.

Dessa forma, percebe-se que Freud, de modo geral, já apontava para a compreensão da culpa como uma noção de dívida do sujeito em relação a um ideal, que no caso pode ser atravessado pelo discurso religioso.

A ideia de salvação ou punição como consequência das posturas adotadas em vida demonstram que os indivíduos esperam consequências positivas ou negativas em relação a seus comportamentos a depender de um julgamento maior baseado em uma “lei suprema”, o que indica que há uma noção de troca, dívida e compensação perante essa lei através dos comportamentos e condutas do sujeito, essa compreensão relembra as considerações do filósofo Friedrich Nietzsche (1987) em sua genealogia da moral, que concebia a culpa como oriunda de uma noção de troca e negociação nas relações.

Essas “trocas” algumas vezes são descritas como amistosas e agradáveis, parte natural da relação com Deus, mas refletem negociações onde há a noção de débito, crédito, de um credor supremo e uma possibilidade de compensação de dívidas por parte de quem deve, ou ainda de um perdão por parte do credor. Esse fenômeno se manifesta no relato dos entrevistados quando questionados sobre sua relação pessoal com Deus e sobre a existência de arrependimentos pessoais que influenciam nessa relação.

Assim, a religião exerce influência na idealização de formas de ser específicas que são baseadas em algo da ordem do espiritual e imaterial, mas cabe pontuar que muitas vezes essas idealizações parecem refletir bastante as demandas da moral social humana em alguns pontos, como princípios de boa convivência ou a repressão de pulsões destrutivas num sentido social.

## 4.2 RELIGIÃO E CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE

Vale a pena destacar que conforme apresentado na análise de dados e brevemente citado acima, é possível observar que a doutrina religiosa tem a capacidade de apresentar um conjunto de valores e significações próprio de sua cosmovisão, e assim, oferecer aos indivíduos um indicador seguro e confiável a respeito do que é ideal e correto, o que oferece também a possibilidade de que estes sujeitos adotem esses significados oriundos da religião em sua própria cosmovisão individual.

Percebe-se então que a religião aparece como um elemento cultural presente na construção da subjetividade, e portanto, do discurso subjetivo dos cristãos entrevistados. Foucault (1997), já afirmava que existem processos através dos quais nos tornamos sujeitos e estes processos podem ser chamados modos de subjetivação. Certas narrativas de saberes advindas dos dispositivos aos quais o indivíduo se conecta atuam como modos de subjetivação, isto é, estão presentes no processo de construção da subjetividade, e dessa forma agem como tipos normativos de modos de ser.

De acordo com os estudos e considerações de Viktor Frankl, neuropsiquiatra e escritor austriaco cuja obra tem um foco especial na questão do sentido da vida:

O homem é o ser capaz de criar símbolos; um ser que necessita de símbolos. As religiões do homem – assim como suas linguagens – são sistemas de símbolos e, nesse sentido, o que vale para a linguagem também vale para a religião (FRANKL, 2011, p. 190).

Sabe-se assim, que a religião então oferece referências de saber para a interpretação de diferentes dimensões da vida, sejam elas relacionadas a questões existenciais, morais, cosmológicas, individuais, coletivas, espirituais, etc.

Segundo Meneses e Santos (2013), a religião cristã, através de suas escrituras sagradas - A Bíblia - e das considerações dos líderes religiosos, demarca para a vida de seus adeptos normas de conduta e comportamentos que são considerados saudáveis em detrimento de outros que são considerados errados e contrários às leis divinas. Dessa forma cria-se um espectro de influência que forma uma espécie de código capaz de gerir discursos éticos e morais na vida dos religiosos, e, portanto influenciar a idealização de determinadas formas de ser para os indivíduos.

O cristianismo através de sua doutrina e das escrituras sagradas (A Bíblia) estabelece uma série de comportamentos aos quais os indivíduos adeptos da doutrina deveriam se adequar. Paulo apóstolo por exemplo opera uma espécie de pedagogia como afirma Cambi (1999):

(...) uma revolução pedagógica e educativa, que durante muito tempo irá marcar o Ocidente, constituindo uma das suas complexas, mas fundamentais, matrizes. (CAMBI, 1999., p. 123). (...) o dualismo alma/corpo e a condenação da corporalidade, é vista como pecado, como algo que se contrapõe e perturba a vida do espírito, que implica uma pedagogia da repressão dos instintos e da sublimação interior, operada através de uma luta contra si mesmo (CAMBI, 1999., p. 123).

### 4.3 UMA VISÃO EXISTENCIAL DA CULPA

Após compreender que a religião cristã tem papel participativo na constituição da subjetividade, e portanto, do universo de significações subjetivas dos sujeitos, vale a pena também abordar o fenômeno da culpa sob outra ótica para caminhar na discussão do tema.

Em *Ser e Tempo*, Heidegger (2005) trata a culpa como uma determinação ontológica do *ser-aí* (Dasein) enquanto lançado na facticidade, isto é, ele aborda a culpa como um traço estrutural pertencente à própria natureza da existência humana lançada num mundo de possibilidades, e por assim estar lançada, essa existência é e está naturalmente em débito diante das possibilidades inacabadas do *ser-aí* (Dasein). Para o autor, a culpa moral, religiosa ou qualquer outra culpa no âmbito das relações com outrem só é possível porque o próprio ser já é um ente culpável de antemão, nele habita o “*poder-ser-culpado*”.

A reclamação proclamadora da consciência oferece para a pre-sença a compreensão de que ela na possibilidade de seu ser, é, em nada, fundamento de seu projeto nulo, devendo recuperar-se para si mesma da perdição no impessoal, ou seja, de que ela *é e está em débito* (HEIDEGGER, 2005 [1927, p. 75]). (...) A conclamação do ser e estar em débito significa uma proclamação do poder-ser que, enquanto pre-sença, eu sempre sou. Esse ente não precisa primeiramente carregar-se de “culpa” por falta ou omissão. Ele deve apenas ser e estar *propriamente* em débito - tal como ele é e está.” (HEIDEGGER, 2005 [1927, p. 75]).

Nesse sentido, Boss (1981) assevera que a língua alemã pode dar uma indicação a respeito da origem da noção de culpa: *Schuld* (culpa) deriva da palavra do antigo alto-alemão *Sculd* que significava “aquilo que carece e falta”. Segundo o autor, realmente algo sempre e perpetuamente falta na vida do ser humano e só faremos justiça à culpabilidade humana analisando cada culpa de forma concreta e investigando com cuidado sua própria essência.

A partir da logoterapia criada por Viktor Frankl entende-se também que o homem sempre “aponta” para além de si próprio na direção de alguma causa a que serve (Sbragia, 2003, p. 93). Dessa forma pode-se dizer que o ser humano é capaz de projetar-se para o futuro, e nesse movimento as diversas idealizações que o sujeito elege para si, baseadas em significações diversas, tem papel fundamental e atuam como possibilidades existenciais a serem realizadas que são dotadas de sentido subjetivo.

Tanto Frankl quanto Heidegger trazem a concepção de que o indivíduo é capaz de projetar-se para além de si em direção a possibilidades infinitas de existência, sendo assim, poderia se dizer que os indivíduos experimentam a culpa no sentido de uma dívida quando ajuizam-se em relação a realização dessas possibilidades existenciais.

Olhando a culpa por essa ótica é possível dizer que no movimento de projetar-se para o futuro o indivíduo realmente pode construir idealizações para si e procurar segui-las, e esse movimento pode ser impulsionado por diversos elementos presentes na cultura e na linguagem, dentre esses elementos encontra-se então a religião, que é capaz de apontar para a direção de determinadas possibilidades para o *Ser-aí* (Dasein), possibilidades específicas atreladas a sua doutrina e cosmovisão.

Nesse sentido, a culpa aparece realmente como uma cobrança do indivíduo em relação a algo que ele poderia ou gostaria de ser e ainda não é. *Ser e estar em débito*, como assevera Heidegger (2005), é uma proclamação do *Poder-ser*.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este estudo foi possível concluir que existem manifestações de culpa relacionadas com a experiência religiosa dos indivíduos cristãos entrevistados, essas manifestações podem ser observadas no discurso dessas pessoas como uma noção subjetiva de débito em relação às condutas e à postura pessoal, tendo como referência determinados ideais atrelados à doutrina cristã aos quais os sujeitos pretendem se adequar, e, portanto, ajuizam-se em relação a essa adequação.

Entende-se que esse tipo de culpa parece ser possível a partir do momento em que religião atua como um elemento presente na constituição da subjetividade, e portanto, da construção do discurso subjetivo do sujeito e de suas diferentes formas de significar a vida como um todo.

Na discussão, o fenômeno da culpa é entendido como algo estrutural do ser humano e é abordado por diferentes óticas. Por um lado a culpa foi tratada como um conflito interno que pressiona o sujeito diante da percepção subjetiva de um débito com alguém ou com uma determinada idealização, e por outro lado foi apresentada também como um aspecto impulsionador, uma dívida que faz com que o indivíduo se movimente para realizar algo, ou realize-se (seja) através de determinadas possibilidades de existência no mundo. Essas visões não parecem se colidir, mas sim, complementar-se, embora tenham ambivalência de sentidos.

Outros estudos como este podem ser feitos com indivíduos de diferentes segmentos religiosos, desse modo, seria possível investigar de forma mais ampla as formas de relação da culpa com a experiência religiosa, além das diferentes formas de influência da religião na vida e no discurso dos sujeitos e das sociedades.

## 6. Referências

- ANDRADE, Celana Cardoso e HOLANDA, Adriano Furtado. **Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica**. Estudos de Psicologia (Campinas) [online]. 2010, v. 27, n. 2, pp. 259-268. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000200013>>. Acesso em 29, out. 2022.
- BOSS, Medard. **Angústia, culpa e Libertação: ensaios de psicanálise existencial**. 3ª. Ed. Tradução: Barbara Spanoudis. São Paulo: Duas Cidades, 1981.
- CAMBI, F. **História da Pedagogia**. São Paulo: Editora UNESP (1999).
- DELUMEAU, J. **O pecado e o medo: a culpabilização no Ocidente (Vol. I e II)**. Bauru, SP: EDUSC (2003).
- FOUCAULT, M. **Resumos dos Cursos do Collège de France (1970-1982)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- FRANKL, Viktor. **A vontade de Sentido: Fundamentos e aplicações da logoterapia**. Tradução Ivo Studart Pereira. São Paulo: Paulus, 2011.
- FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido: Um psicólogo no campo de concentração**. 2. ed. São Leopoldo: Editora Sinodal; Petrópolis: Editora Vozes, 1997.
- FREUD, Sigmund. **Atos obsessivos e Práticas Religiosas**. [1907]. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro. Imago, v. IX, 1996.
- FREUD, Sigmund **O ego e o Id: O ego e o Superego (ideal do ego)**. [1923]. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro. Imago, v. XIX, 1996.
- FREUD, Sigmund. **O ego e o Id: O problema econômico do Masoquismo**. [1924]. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro. Imago, v. XIX, 1996.
- FREUD, Sigmund. **O Futuro de uma ilusão, O Mal-estar na civilização**. [1927, 1931]. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro. Imago, v. XXI, 1996.
- GIORGI, A. Sketch of a psychological phenomenological method. **Phenomenology and psychological research**. Pittsburg: Duquesne University Press, 1985, pp.8-22.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. 1927 Parte II. 13ª. Ed. Trad. bras. de Márcia Sá Cavalcante. Petrópolis, Editora Vozes, 2005.
- MENESES, André F. S.; SANTOS, Elder C. Sexo e Religião: Um estudo entre jovens evangélicos sobre o sexo antes do casamento. **Revista Clínica & Cultura**. v.II, n.I, 82-94. 2013. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/clinicaecultura/article/view/1541>>. Acesso em 01, Nov, 2022.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Editora Melhoramentos. 2022  
Disponível em:

<<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/culpa#:~:text=1%20Responsabilidade%20por%20algo%2C%20conden%C3%A1vel,dano%20ou%20dolo%20a%20outrem.>> . Acesso em: 25 nov. 2022

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 5. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec/Abrasco, 1998.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo. Pioneira Thomson. 2002

NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral** (1887). Trad. Paulo Cesar Souza. São Paulo: Brasiliense. (1987).

OLIVEIRA, A. M.; CASTRO, E. G. Entre Deus, a culpa e o pecado. **Revista Psico**. V. 40, n. 2, p. 253-259, abr./jun. 2009. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/%20view/1499>> Acesso em 09 maio 2022.

SBRAGIA, Ana Lucia de Paula Fonseca. A contribuição de Viktor E. Frankl para a psicopedagogia: A busca do sentido da vida no sujeito aprendente. (Monografia). São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003.

TEIXEIRA, M. R. A culpa na modernidade. In PERES, U, T. **Culpa** São Paulo: Editora Escuta. 2001

## **7. ANEXO 1 - Questionário de roteiro semi-estruturado para entrevista individual**

1. Qual a sua idade?
2. Qual a sua religião ?
3. Como se deu sua entrada nesse grupo religioso?
4. Você considera a experiência religiosa algo importante na vida de uma pessoa?  
Por quê?
5. Como você descreveria sua experiência religiosa, em termos gerais,?
6. Como você avalia sua relação com Deus ao longo de toda sua experiência religiosa?
7. Há algum arrependimento que influencia na sua relação com Deus ao longo de sua experiência religiosa ?
8. Você sempre se sentiu aceito e amado por Deus? por quê?
9. Como sua experiência religiosa influencia suas relações com as outras pessoas?
10. Que tipo de comportamentos e condutas você diria que uma pessoa cristã deve ter ou evitar em sua vida?



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE DOCUMENTOS  
NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL FAMINAS**

**(PREENCHIDO APÓS A DEFESA)**

Na qualidade de titular dos direitos de autor da publicação, autorizo a Faminas BH, localizada na cidade de Belo Horizonte MG, a disponibilizar através do Repositório FAMINAS, sem pagamento de quaisquer direitos autorais patrimoniais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o texto integral da obra abaixo citada, a título de divulgação da produção científica brasileira.

**1. Identificação do material bibliográfico:**

Monografia ( )

Artigo Científico ( X )

Plano de Negócios ( )

Plano de Marketing ( )

Projeto de Pesquisa ( )

Outro ( ) Especificar: \_\_\_\_\_

**2. Identificação:**

**Autor:** Luan Henrique Alves Mendes

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**Curso:** Psicologia

**Título do material bibliográfico:** UMA INVESTIGAÇÃO

PSICOLÓGICA SOBRE O FENÔMENO DA CULPA RELACIONADO

À EXPERIÊNCIA RELIGIOSA DE INDIVÍDUOS CRISTÃOS

**Orientador (a):** Prof. Dr. Éser Técio Pacheco

Membros da Banca: THAIS FRANCIELLE ALVES e EDSON MOURA DA SILVA

Data da defesa: 14 / 12 / 2022

Palavras-Chave: Culpa. Psicologia. Subjetividade. Religião. Cristianismo.

### **3. Informações de acesso:**

3.1. Liberação para publicação: - Total

Em caso de liberação parcial, especificar o(s) arquivo(s) restrito(s):

---

---

---

*Edson M. Moura da Silva*, 16 / 12 / 2022

Assinatura do(a) autor(a)

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Assinatura do(a) professor(a) orientador(a)

